

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2026

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Entrelinha 1,5 sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

13 Páginas

VERSÃO 1

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

As respostas aos itens da prova são registadas no caderno de respostas.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Assinale, na folha de respostas, a opção selecionada.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia a contextualização, os dois textos e as notas. A fim de facilitar a eventual referência a elementos textuais, as linhas são numeradas sequencialmente.

Contextualização

No excerto de *Os Maias* a seguir apresentado, o protagonista do romance, Carlos da Maia, regressa a Lisboa dez anos após ter partido para o estrangeiro.

Por seu lado, no excerto de *A Ilustre Casa de Ramires* selecionado, três amigos do protagonista, Gonçalo Mendes Ramires, conversam sobre o carácter desta personagem.

Estavam no Loreto; e Carlos parara, olhando, reentrando na intimidade daquele velho coração da capital. Nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendiam nas portas das duas igrejas. O Hotel Aliança conservava o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo
5 sol dourava o lajedo; batedores (1) de chapéu à faixa fustigavam as pilecas (2); três varinas, de canastra à cabeça, meneavam os quadris, fortes e ágeis na plena luz. A uma esquina, vadios em farrapos fumavam; e na esquina defronte, na Havanesa, fumavam também outros vadios, de sobrecasaca (3), politicando.

— Isto é horrível, quando se vem de fora! — exclamou Carlos. — Não é a cidade, é a gente.
10 Uma gente feiíssima, encardida, molenga, rele, amarelada, acabrunhada!...

— Todavia Lisboa faz diferença — afirmou Ega, muito sério. — Oh, faz muita diferença! Hás de ver a Avenida... Antes do Ramalhete vamos dar uma volta à Avenida.

Foram descendo o Chiado. Do outro lado, os toldos das lojas estendiam no chão uma sombra forte e dentada. E Carlos reconhecia, encostados às mesmas portas, sujeitos que lá
15 deixara havia dez anos, já assim encostados, já assim melancólicos. Tinham rugas, tinham brancas. Mas lá estacionavam ainda, apagados e murchos, rente das mesmas ombreiras, com colarinhos à moda. Depois, diante da Livraria Bertrand, Ega, rindo, tocou no braço de Carlos:

— Olha quem ali está, à porta do Baltreschi (4)!

Era o Dâmaso. O Dâmaso, barrigudo, nédio (5), mais pesado, de flor ao peito, mamando um
20 grande charuto, e pasmaceando, com o ar regaladamente embruteado de um ruminante farto e feliz. Ao avistar também os seus dois velhos amigos que desciam, teve um movimento para se esquivar, refugiar-se na confeitaria. Mas, insensivelmente, irresistivelmente, achou-se em frente de Carlos, com a mão aberta e um sorriso na bochecha, que se lhe esbraseara.

— Olá, por cá!... Que grande surpresa!

25 Carlos abandonou-lhe dois dedos, sorrindo também, indiferente e esquecido.

Então João Gouveia abandonou o recosto do banco de pedra e teso na estrada, com o coco (6) à banda, reabotoando a sobrecasaca, como sempre que estabelecia um resumo:

— Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem vocês, sabe o senhor padre Soeiro quem ele me lembra?

30 — Quem?

— Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o senhor padre Soeiro... Os fogachos (7) e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro (8) quando se fila à sua ideia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e
35 sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris (9), não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebeicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço
40 a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre (10), há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?

45 — Quem?...

— Portugal.

Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*.

NOTAS

(1) *batedores* – pessoas que, na praça de carruagens, tomavam conta dos animais, enquanto o cocheiro descansava.

(2) *pilecas* – cavalos, éguas ou machos muito magros e com mau aspeto.

(3) *sobrecasaca* – casaco do vestuário masculino, de cerimónia, abotoado na cintura e com abas até ao joelho.

(4) *Baltreschi* – pastelaria conceituada no século XIX, onde se reuniam a aristocracia e a alta burguesia lisboetas.

(5) *nédio* – anafado; gordo.

(6) *coco* – chapéu duro, de copa redonda e aba curvada.

(7) *fogachos* – chamuscas súbitas e pouco duradouras; impulsos.

(8) *aferro* – dedicação; grande apego.

(9) *pueris* – infantis.

(10) *sua velha Torre* – referência à Torre anexa à casa da família Ramires.

Item obrigatório

1. Quando Carlos encontra Dâmaso (linhas 18 a 25), este apresenta uma atitude ambivalente, reveladora de impulsos contraditórios. Descreva essa atitude.

Item obrigatório

2. Lisboa, através do olhar de Carlos (linhas 1 a 17), e Gonçalo, através do olhar de João Gouveia (linhas 31 a 46), representam Portugal e os portugueses dos finais do século XIX.

Compare a imagem de Portugal e dos portugueses transmitida por cada uma das personagens, com base em duas oposições entre a perspectiva de Carlos e a perspectiva de João Gouveia.

3. Identifique, de entre as afirmações referentes à obra de Eça de Queirós, as **três** afirmações que podem ser comprovadas através da leitura dos excertos apresentados.

Assinale, na folha de respostas, as opções seleccionadas.

- I. As marcas de coloquialidade presentes nos diálogos contribuem para a criação de verosimilhança, conferindo à narrativa um efeito de realidade.
- II. Os espaços interiores refletem quem os habita, daí que as descrições sejam ricas em pormenores.
- III. A presença do discurso direto permite que o tempo do discurso seja semelhante ao tempo diegético ou da ação.
- IV. O recurso ao nome, frequentemente em enumerações, e o recurso à adjetivação contribuem para o visualismo existente na escrita queirosiana, estando, por vezes, ao serviço da crítica social.
- V. A omnisciência do narrador evidencia-se na análise aprofundada das personagens, sendo desvendados os seus conflitos interiores.

Página em branco

PARTE B

Leia o poema e as notas.

O PORTUGAL FUTURO

- O portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharão a giz
- 5 esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável (1)
Mas desenhem elas o que desenharem
é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem
- 10 portugal será e lá serei feliz
Poderá ser pequeno como este
ter a oeste o mar e a espanha a leste
tudo nele será novo desde os ramos à raiz
À sombra dos plátanos as crianças dançarão
- 15 e na avenida que houver à beira-mar
pode o tempo mudar será verão
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz (2)
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o portugal futuro

Ruy Belo, *País Possível*.

NOTAS

(1) *sável* – peixe migratório, que se reproduz em água doce e que desova em alguns rios portugueses, entre março e maio.

(2) *matriz* – igreja principal de uma localidade.

Item obrigatório

4. Explique, com base em dois aspetos, o sentido dos dois primeiros versos do poema.

Item obrigatório

5. O poema constrói-se sobre uma imagem do país, assente em ações traduzidas por verbos no futuro do indicativo.

Explicite duas características do «portugal futuro», tendo em conta o recurso a este tempo verbal.

6. Complete o texto seguinte, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Assinale, na folha de respostas, para cada letra, o número da opção selecionada.

Nos três últimos versos, «relógio da matriz» constitui um símbolo associado não só a um tempo de nostalgia, mas também a um tempo(a)..... . Por conseguinte, o sujeito poético(b)..... .

(a)

(1) que se quer perpetuar

(2) catalisador da ação

(3) de intransigência

(b)

(1) realça a imprescindibilidade de se manter os valores do passado no Portugal futuro

(2) manifesta o seu pesar devido à perda de elementos do passado essenciais para o futuro de Portugal

(3) receia que o passado possa constituir um entrave à construção do Portugal futuro

PARTE C

Item obrigatório

7. Tal como Eça de Queirós e Ruy Belo, também Luís de Camões refletiu sobre Portugal e os portugueses ao escrever a sua epopeia.

Escreva uma breve exposição na qual comprove a veracidade da afirmação anterior, baseando-se na sua experiência de leitura de *Os Lusíadas*.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicite duas reflexões do Poeta sobre o seu país e os seus contemporâneos, fundamentando cada um dos aspetos referidos em, pelo menos, um exemplo significativo;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

Evitar o sofrimento é um ato instintivo que integra a experiência humana. Do mesmo modo que tendemos a fugir daquilo que nos ameaça, procuramos proteger aqueles que amamos das palavras que anunciam desconforto e das emoções difíceis. Mas, por que razão é que resistimos aos sentimentos que incomodam, como a tristeza ou a desilusão? Porque somos

5 confrontados com a vulnerabilidade humana, e esta assusta.

Escutar o sofrimento dos outros é tocar também no nosso, por isso, perante uma história marcada pela dor, apressamo-nos a oferecer uma espécie de consolo encapsulado em afirmações ligeiras, na maior parte das vezes com boa intenção, mas que, em vez de provocar alívio, isola quem ouve. «Não fiques assim, tenta ver o lado bom do que aconteceu», ou «Pensa

10 positivo!». Este hábito individual, e social, de fugir às emoções adversas, associado à ideia de que existe sempre algo bom em tudo o que acontece, abafa as vicissitudes da vida com a falsa positividade do «Vai ficar tudo bem» e reflete um brilho enganador de uma felicidade constante que, na verdade, pode conduzir à invalidação da experiência emocional e dificultar a integração ajustada da mesma.

15 É essencial lembrar que são os sentimentos que nos definem enquanto seres humanos e sociais, e que, além disso, todos têm um valor e uma função. Contudo, é cada vez mais notória a dificuldade das pessoas em abraçar aqueles sentimentos que trazem desafios e constrangimentos — quer sejam nossos quer dos outros. A tristeza, a raiva, a ansiedade, o medo, a culpa, entre outros, são tão necessários e legítimos quanto a alegria, o amor e a

20 gratidão. Simplesmente, apontam para necessidades emocionais não satisfeitas, limites não respeitados e feridas. O problema não é sentir raiva, mas, sim, não saber processá-la. Aprendemos, então, a construir uma fachada emocional sempre positiva, escondendo a dor para sermos socialmente aceites e não incomodar ninguém. Como resultado, passamos a fingir constantemente alegria e satisfação, apesar de carregarmos tristeza ou mágoa.

25 Certo é que este esconderijo emocional não faz desaparecer os sentimentos difíceis, mas abafa-os apenas e reforça a dificuldade em os expressar e lidar com eles. Evitar sentir e negar o lugar das emoções nos acontecimentos de vida apenas fornece um alívio temporário, porque uma emoção não acolhida não desaparece, apenas prolonga o seu eco e perpetua o sofrimento. [...]

30 Viver sem aceitar que não vamos estar sempre bem é perder a natureza humana. Negar aquilo que magoa retira-nos a capacidade de empatia, enfraquece a resiliência face às adversidades, aumenta a intolerância ao desconforto e dificulta o desenvolvimento da autocompaixão.

Reconhecer, normalizar e acolher o sofrimento como parte de nós não significa renunciar
35 à alegria ou ao otimismo, mas, sim, abrir espaço para que todas as emoções convivam, sem culpa ou vergonha. É no acolhimento e na aceitação emocional, não no evitamento, que reside a possibilidade de dar sentido à nossa experiência. Só assim poderemos escutar, verdadeiramente, as nossas feridas e as dos outros.

Vera Ramalho, «Valorizar os nossos sentimentos (e os dos outros) quando não está tudo bem».

Item obrigatório

1. Nos dois parágrafos iniciais, a autora defende a ideia de que a tendência humana para consolar os outros

- (A) é uma forma encapsulada de as pessoas manifestarem a própria dor, da qual tendem a fugir constantemente.
- (B) pode inibir quem sofre de processar emoções difíceis, promovendo paradoxalmente o isolamento social.
- (C) fortalece emocionalmente quem oferece consolo, obrigando ao confronto com a sua própria vulnerabilidade.
- (D) constitui um estímulo francamente positivo, o qual contribui para atenuar o sofrimento sentido por outrem.

2. A expressão «“Vai ficar tudo bem”» (linha 12) é apresentada como

- (A) um ideal complexo e difícil de concretizar, que depende do modo como, individual e socialmente, as dificuldades da vida se manifestarão.
- (B) um modo eficaz de encarar a existência, realçando o seu brilho e preparando os sujeitos para uma vivência plena da felicidade.
- (C) um meio de permitir que a positividade influencie as nossas decisões, ultrapassando de forma definitiva as vicissitudes da vida.
- (D) uma ideia enganadora, que impede a vivência das emoções adversas e dificulta a sua compreensão e a sua integração.

3. De acordo com o conteúdo do terceiro e do quarto parágrafos, a «fachada emocional sempre positiva» (linha 22) que aprendemos a construir
- (A) expõe as necessidades emocionais não satisfeitas e as feridas ainda não saradas.
 - (B) anula a dificuldade que sentimos em acolher e processar emoções negativas.
 - (C) dissimula os sentimentos constrangedores para facilitar a vivência em sociedade.
 - (D) contribui para que as relações sociais se tornem mais autênticas e harmoniosas.

Item obrigatório

4. Nos dois últimos parágrafos, a autora conclui a sua reflexão, defendendo que
- (A) a única estratégia possível, num mundo dominado pela falsa positividade, sem autocompaixão, consiste em alhear-se do sofrimento.
 - (B) é imprescindível aceitar todas as emoções, mesmo as que causam dor, para possibilitar que a vida humana tenha sentido.
 - (C) o único modo de evitar a culpa e a vergonha que resultam de excessos de alegria e de otimismo é aceitar a dualidade de sentimentos.
 - (D) é inevitável que o ser humano se refugie num esconderijo emocional que o proteja da dor, mesmo que não tenha consciência desse facto.
5. As orações «quem ouve» (linha 9) e «que não vamos estar sempre bem» (linha 30) classificam-se como
- (A) subordinadas substantivas completivas, em ambos os casos.
 - (B) subordinadas adjetivas relativas, em ambos os casos.
 - (C) subordinada adjetiva relativa, no primeiro caso, e subordinada substantiva relativa, no segundo caso.
 - (D) subordinada substantiva relativa, no primeiro caso, e subordinada substantiva completiva, no segundo caso.

Item obrigatório

6. Associe cada uma das expressões, apresentadas na coluna **A**, à respetiva função sintática, que consta na coluna **B**.

A cada letra corresponde apenas um número.

Assinale, na folha de respostas, para cada letra, o número da opção seleccionada.

COLUNA A

(a) «aos sentimentos que incomodam, como a tristeza ou a desilusão» (linha 4)

(b) «à invalidação da experiência emocional» (linha 13)

(c) «ao desconforto» (linha 32)

COLUNA B

(1) Complemento do adjetivo

(2) Complemento do nome

(3) Complemento direto

(4) Complemento indireto

(5) Complemento oblíquo

Item obrigatório

7. As expressões «“Não fiques assim, tenta ver o lado bom do que aconteceu”» (linha 9) e «Certo é que este esconderijo emocional não faz desaparecer os sentimentos difíceis» (linha 25) exprimem

(A) a modalidade deôntica com valor de permissão, no primeiro caso, e a modalidade epistémica com valor de probabilidade, no segundo caso.

(B) a modalidade deôntica com valor de obrigação, no primeiro caso, e a modalidade epistémica com valor de probabilidade, no segundo caso.

(C) a modalidade deôntica com valor de permissão, no primeiro caso, e a modalidade epistémica com valor de certeza, no segundo caso.

(D) a modalidade deôntica com valor de obrigação, no primeiro caso, e a modalidade epistémica com valor de certeza, no segundo caso.

GRUPO III

Para uns, a mudança é a essência da vida; para outros, a mudança é fonte de inquietude e de desassossego.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspectiva pessoal sobre a afirmação apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito);
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2026/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 10 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

Grupo I

Item 1..... 13 pontos

Item 2..... 13 pontos

Item 4..... 13 pontos

Item 5..... 13 pontos

Item 7..... 13 pontos

Grupo II

Item 1..... 13 pontos

Item 4..... 13 pontos

Item 6..... 13 pontos

Item 7..... 13 pontos

Grupo III

Item único 44 pontos

SUBTOTAL 161 pontos

Dos restantes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (3 x 13 pontos).

Grupo I

Itens 3. e 6.

Grupo II

Itens 2., 3. e 5.

SUBTOTAL 39 pontos

TOTAL 200 pontos

Prova 639
Época Especial
VERSÃO 1